

João Serra

Imagens, narrativas e formas criativas de ocupar o espaço no mundo contemporâneo

SANDRA VIEIRA JÜRGENS | sandravieirajurgens@gmail.com

João Serra desenvolveu um projecto fotográfico intitulado *Dachas*, sobre um fenómeno popular e disseminado por toda a Rússia, que consiste num lote de terra, normalmente com uma habitação, onde as famílias dedicam os seus tempos livres a actividades hortícolas ou de lazer. Nesta entrevista, João Serra fala-nos desta cultura particular de ocupar criativamente o espaço, bem como da sua experiência artística na região de Murmansk, no extremo norte da Rússia.

arqa: Como e em que momento começa a sua actividade artística? De que forma se desenvolveram os seus interesses estéticos? Estudou fotografia?

João Serra: A minha actividade artística teve início no ano de 2005, ainda na qualidade de estudante. Dediquei os dois anos do curso avançado de fotografia a um único projecto nos subúrbios da cidade de Lisboa. E foi nesse período que o meu trabalho se tornou mais rigoroso e consistente. A formação fotográfica permitiu-me aprender uma nova linguagem e perceber também quais as suas potencialidades e limites. Mas os meus interesses estéticos precedem o curso. Eles estão acima de tudo relacionados com a minha história e experiências pessoais, a minha singularidade e posição no mundo. Tudo aquilo que sou ou tenho sido e que não pode ser aqui explicitado.

arqa: A arquitectura, a cultura urbana, os espaços periféricos e industriais, são focos do seu trabalho. Quais são as possibilidades que oferecem para a construção de um discurso visual?

JS: Oferecem-me possibilidades ilimitadas. Esta realidade não se esgota. Ela excede a minha imaginação. Qualquer situação ou assunto que eu me proponha ficcionar ficará sempre aquém. Lembro-me de uma aula em que o Sérgio Mah, que naquela altura era meu professor no Ar.co, disse o seguinte a propósito de uma imagem que eu tinha resgatado aos subúrbios de Lisboa: “Conheço um escultor (não vou referenciar) que gostaria de ter criado uma peça assim”. Tratava-se de uma arrecadação construída em madeira por um habitante anónimo da Quinta da Lage. Eu diria que a maior dificuldade é, até certo ponto, o esforço de contenção que é preciso fazer. De outra forma corro o risco de me esgotar. Mas isso é algo que se vai aprendendo a gerir. Hoje em dia fotografo muito menos, quantitativamente falando. Para além destes aspectos formais, a arquitectura, a cultura urbana, os espaços periféricos e industriais, são focos do meu trabalho porque tem sido o território a partir do qual me permito dizer alguma coisa acerca do nosso tempo e das suas transformações, sejam elas políticas, culturais, sociais ou económicas. Enfim, tudo o que afecta ou pode vir a afectar a vida.

arqa: Um dos últimos trabalhos intitula-se *Dachas*. Como é que nasce este projecto?

JS: Nasceu no Verão de 2009 e de uma forma bastante acidental. Eu estava na região de Murmansk, no extremo norte da Rússia junto à fronteira com a Finlândia. E nessa altura estava a trabalhar num outro projecto, *North as place*, em parceria com um grupo de cientistas sociais

e onde tentávamos fazer um cruzamento entre os espaços públicos e privados. Foi no decorrer deste projecto que visitei pela primeira vez as dacha. Fiquei imediatamente rendido mas só percebi a pertinência e a potencialidade do tema à posteriori. As dacha, que eram à partida apenas mais um capítulo de um projecto mais amplo, foram ganhando cada vez mais autonomia até se imporem definitivamente como uma coisa nova.

arqa: Estamos perante um inventário desta prática construtiva: de casas de campo que permitem cultivar a terra como meio de subsistência. Há uma história, uma narrativa nas séries? Qual é a história que se conta aqui?

JS: Sem dúvida estamos perante um inventário. Há uma certa dimensão arquivista no meu processo de trabalho. E houve claramente uma intenção de registar a variedade e a complexidade desta prática. Por outro lado, se queremos que o fenómeno dacha seja compreendido em todo o seu alcance e extensão não podemos dissociá-lo do seu contexto histórico e social. O sentido do próprio trabalho altera-se quando não disponibilizamos esta informação. Eu próprio senti a necessidade de construir uma narrativa que se ajustasse e pudesse acompanhar as imagens. Em primeiro lugar convém perceber a modernidade deste fenómeno tão popular e disseminado por toda a Rússia. As dacha são um lote de terra normalmente com uma habitação onde as famílias dedicam os seus tempos livres em actividades hortícolas ou de lazer. Mas a tentativa de fazer agricultura para lá do círculo polar ártico em condições climáticas extremas é específico da região de Murmansk. Uma das regiões mais industrializadas da Rússia e onde o solo é tão estéril que obriga à transplantação de terra. A região foi colonizada a partir dos anos 1930' durante o processo de industrialização da URSS. Esta violenta transformação realizou-se à custa da colectivação da terra e graças à transmutação dos camponeses em operários. A maioria da população de Murmansk tinha origens rurais, alguns chegaram voluntariamente mas muitos outros vieram deportados ou na qualidade de prisioneiros GULAG. Poder-se-ia dizer que enquanto fenómeno urbano, as dacha simbolizam um regresso à terra e uma certa resistência ao crepúsculo da cultura tradicional. Uma nostalgia que se prende naturalmente com as recordações de infância e as memórias da aldeia. Por esta razão não consideramos as dacha apenas um fenómeno de agricultura de subsistência. Aliás, esta prática só teve relevância no contexto económico da Rússia nos momentos em que o Estado não tinha capacidade de fornecer alimentos em qualidade suficiente. Uma situação que veio a acontecer por diversas vezes na história do século XX mas por breves períodos de tempo, o último dos quais durante a crise dos anos 1990'. Mas ultrapassada a crise os *dachniki* continuam a dedicar-se à prática agrícola apenas por prazer e mesmo nos períodos de maior abundância.

arqa: O que é que o atraiu mais na produção destas imagens?

JS: Continuo a sentir uma atracção muito forte pela criatividade das pessoas que se expressa na forma como ocupam, trabalham e cuidam do seu próprio espaço. Isto não constitui uma grande novidade, pelo menos

para quem conhece os meus trabalhos anteriores, mas não creio que tal se deva mais a uma certa coerência formal do que à universalidade dos próprios fenómenos. Neste projecto a criatividade que se materializa nas dacha contrasta com o rígido modelo da arquitectura soviética e a burocrática regulamentação urbana. Neste sentido, a dacha é o lugar onde as pessoas podem expressar livremente a sua individualidade.

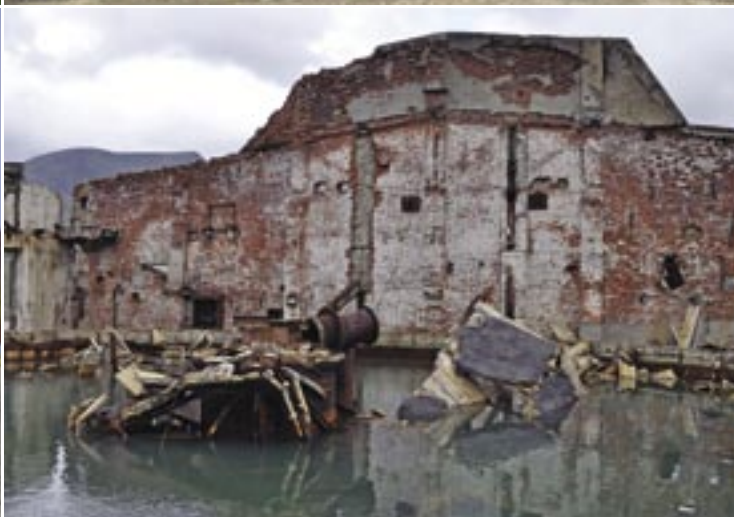
arqa: Quais foram as etapas de construção deste projecto?

JS: A pergunta é difícil porque o projecto está ainda em aberto. Posso afirmar que a captação de imagens foi prévia à fase de investigação e de conceptualização. O que é bastante natural pois precisava de um certo distanciamento para trabalhar o material recolhido. Também só tive acesso a documentação e bibliografia mais tarde. No terreno as pessoas

receberam-me com toda a disponibilidade. Abriram-me as suas portas em troca do meu entusiasmo e interesse. Realizamos entrevistas, escutei as histórias, participei nas colheitas e provei os seus produtos hortícolas.

arqa: Houve espaço para o trabalho em colaboração. Qual é a importância das ciências sociais no seu trabalho? A etnografia, o trabalho de campo.... foram aqui fundamentais?

JS: Sem dúvida. Não teria sido possível realizar este projecto sem a colaboração dos antropólogos sociais Florian Stammer, Alla Bolotova, Maria Nakshina e Irina Razumova. Desde logo por uma questão de economia. Eles trabalharam muitos anos nesta região e têm um profundo conhecimento do lugar. Foi um privilégio poder acompanhá-los no trabalho de campo e de usufruir da informação resultante de vários



Alla Bolotova, Florian Stammer, João Serra, da série *North as Place*, 2009

anos de investigação. Eu não tenho formação em ciências sociais e eles não têm formação visual. O nosso trabalho complementa-se. O que permite por um lado visualizar os resultados de uma investigação em ciências sociais e por outro lado, enriquecer o efeito visual da fotografia com as narrativas produzidas pela análise sócio-antropológica. A nossa metodologia é qualitativa, neste sentido, a etnografia, o trabalho de campo, as entrevistas e a observação participativa são técnicas privilegiadas na recolha de informação.

arqa: O uso de registos documentais e a perspectiva conceptual do teu trabalho parece-me hoje mais evidente, mais visível ao olhar do espectador. É assim?

JS: Creio que seja hoje mais evidente. No meu trabalho anterior partia do princípio de que o potencial espectador tinha no mínimo alguma experiência do lugar. Todos nós tivemos alguma experiência dos subúrbios

de uma cidade. Ou seja, tinha por garantido que as pessoas conheciam o que lhes dava a ver. Por outro lado eu estava muito mais interessado em descontextualizar. Algumas imagens estavam mesmo no limite da abstracção. É espantoso o poder da fotografia! Em 2006 realizei uma série de fotografias na ex-Jugoslávia. São boas imagens mas podiam ter sido produzidas em qualquer sítio. É o risco do excesso de abstracção em fotografia. Hoje estou disposto a sacrificar o impacto visual das imagens para dar mais informação ao espectador. Também me parece evidente que de um ponto de vista económico não há qualquer necessidade de ir fotografar tão longe, seja na ex-Jugoslávia ou na Rússia, se o mesmo trabalho puder ser realizado em Portugal. Quero com isto dizer que das duas, uma: ou o lugar é importante ou é desprezível. E há que fazer essa opção. Se o lugar é importante, então é necessário contextualizá-lo. Com excepção da população local ou dos países com uma forte ligação histórica e cultural à Rússia, a maioria das pessoas nunca ouviu falar em dacha.



João Serra, da série *Dacha*, 2009

Continuo a sentir uma atracção muito forte pela criatividade das pessoas que se expressa na forma como ocupam, trabalham e cuidam do seu próprio espaço. (...) Neste projecto a criatividade que se materializa nas dacha contrasta com o rígido modelo da arquitectura soviética e a burocrática regulamentação urbana. Neste sentido, a dacha é o lugar onde as pessoas podem expressar livremente a sua individualidade.

arqa: Fale-me da “experiência russa”. De que forma a Rússia contemporânea inspirou o seu trabalho?

JS: Passei a olhar estes fenómenos com uma perspectiva mais universal. Já estava familiarizado com as hortas urbanas em Portugal. Na Brandoa, por exemplo, os primeiros residentes vieram da região norte e do Alentejo. Alguns elementos da cultura rural podem ser facilmente descobertos nos cafés, nas mercearias, nos terrenos baldios, ou nos quintais das traseiras. Até mesmo alguns emigrantes cabo-verdianos cultivam a terra e produzem enchidos e torresmos ao ar livre. Mas o que surpreende na Rússia é a resistência da cultura tradicional em condições onde se julgava impossível a sua sobrevivência. Apesar da extrema violência exercida contra os camponeses durante o regime soviético, as pessoas demonstraram uma espantosa e invulgar capacidade de adaptação. Tal como hoje em dia aprendem a contornar as dificuldades colocadas pela pressão mais subtil do estado moderno.

Depois é uma questão de escala. A Rússia é um território imenso onde caçadores indígenas em áreas remotas usam *snowmobile* e armas automáticas mas conservam o seu modo de vida semi-nómada. Em Dzerzhinsk, cidade industrial construída nos anos 1930' e capital da indústria química soviética durante os anos 1970', as pessoas conseguiam identificar nas ruas, uma panóplia de produtos químicos apenas pelo odor e consoante a direcção do vento, e apesar disso, alheios à poluição, cultivavam a terra nas imediações das fábricas. Poderia multiplicar os exemplos, mas penso que já é suficiente para entendermos que para além da escala e da distância pertencemos todos ao mesmo tempo e ao mesmo mundo. E talvez este seja apenas um pequeno contributo para ajudar a pensar as comunidades humanas e o seu destino, também o que conservamos de mais profundo e arcaico. E de que forma esta herança nos pode ajudar a enfrentar os desafios futuros de um mundo pós-industrial e globalizado. ■



Alla Bolotova, João Serra, da série *Saint Petersburg*, 2009